

Neste debate, derrota da mulher brasileira.

Perguntas mal formuladas, óbvias, deixando os candidatos perplexos, acabaram por fazer do debate da Manchete, uma seqüência monótona de equívocos.

Anunciado como um debate entre os candidatos à Presidência da República, o programa que reuniu na noite de anteontem 10 presidenciaíveis no estúdio da **Rede Manchete** a convite do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher revelou-se uma exaustiva entrevista de três horas e quinze minutos de duração. Perguntas excessivamente sectárias, formuladas por 509 entidades ligadas à mulher, aliadas às regras definidas pelos assessores dos presidenciaíveis e promotores do programa, que impediam que os candidatos fizessem indagações ente si, foram responsáveis pela ausência de confrontos de idéias. “Poderiam ter gravado nossas opiniões em casa separadamente e depois editado”, comentou o candidato do PL, Guilherme Afif Domingos, ao fim do debate “Vota Brasil”.

Também foram raros os momentos em que o programa foi objetivo, como, por exemplo, na única vez em que uma mesma pergunta foi submetida a todos os candidatos sobre a descriminalização do aborto. A maioria das perguntas formuladas pela presidenta do Conselho, a feminista Jacqueline Pitanguy, e pelas entidades feministas, tinham interesses demasiadamente específicos e chegaram, por diversas vezes, a ser ininteligíveis, como a de uma telespectadora que indagou se “a violência era fruto da questão social e econômica ou do capitalismo moderno”.

Desta seqüência, recolheu-se apenas uma série de promessas e de intermináveis elogios ao Conselho Nacional da Mulher. “Darei a este Conselho nível ministerial”, avisou Ulysses Guimarães, do PMDB, enquanto Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, prometeu criar uma secretaria especial para tratar das questões da mulher, caso seja eleito. “A causa da mulher é um dos compromissos de nosso partido”, confirmou Leonel Brizola, candidato do PDT.

Os temas gerais foram, no decorrer do programa, aos poucos substituídos por perguntas minuciosas. O grupo homossexual Triângulo Rosa quis saber de Affonso Camargo, do PTB, por que ele não defendeu na Constituinte a emenda que impediria a discriminação aos homossexuais, se fosse incluída no texto final. “Eu não me recordo deste artigo”, respondeu Camargo. Brizola foi solicitado a dizer quantas empregadas tem em casa e aproveitou o tempo para anunciar que em seu ministério as mulheres terão lugar garantido. “Eu estou no bagaço, passo meu tempo adiante”, se rendeu Luiz Inácio Lula da Silva, às 2 horas da madrugada, exausto pela sabatina, numa tentativa de apressar o término do programa.

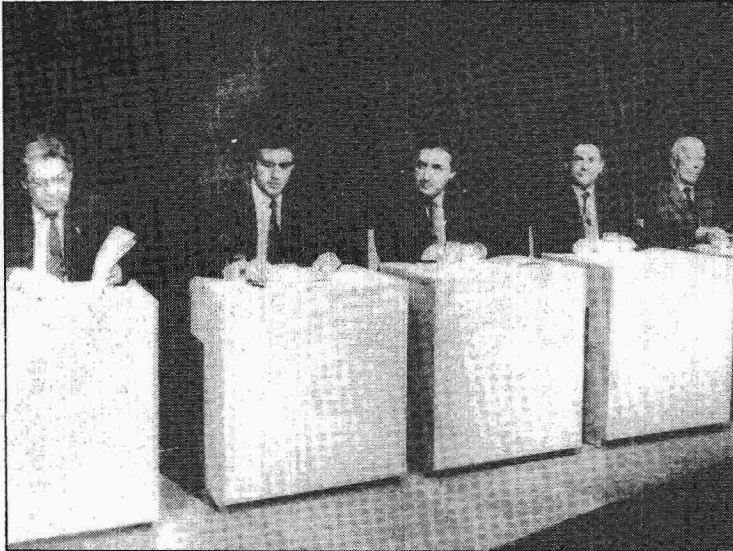
Confronto

A legalização do aborto foi a única pergunta a despertar polêmica. Mas foi também nessa ocasião que cada um aproveitou os dois minutos de resposta para pouco se comprometer. Seis dos dez candidatos propuseram que a descriminalização do aborto seja decidida em plebiscito nacional. O candidato do PDS, Paulo Maluf, foi além e defendeu que somente as mulheres tenham o direito ao voto nesta consulta. O único a propor a descriminalização do aborto declaradamente foi Roberto Freire, do PCB, que, por um lapso, falou em “discriminação”. Maluf, Aureliano Chaves, do PFL, e Affonso Camargo, do PTB, se disseram contrários ao aborto, mas admitiram submeter a questão à população. No extremo oposto, Ronaldo Caiado declarou-se terminantemente contra a prática do aborto. “Como médico e como católico”, justificou ele. Leonel Brizola conseguiu manter-se indefinido. “Sou a favor da vida”, disse, mas acrescentou que o Movimento das Mulheres do PDT tem papel favorável à descriminalização do aborto.

De óculos, procurando passar uma imagem de seriedade, Leonel Brizola, deste debate, não se confrontou com Ronaldo Caiado, do PSD, como no encontro da Rede Bandeirantes, segunda-feira. Foi, desta vez, Roberto Freire, quem advertiu Ronaldo Caiado pela “propaganda” que fez em defesa da iniciativa privada. Questionado sobre questões específicas da mulher, o candidato do PSD pregou a privatização de rede de saúde e foi advertido pela mediadora por ter fugido do tema da pergunta. Na réplica, a que teve direito por ter sido citado pelo líder da UDR, Freire acusou Caiado de “defensor não apenas do latifúndio mas também da comercialização da saúde do povo”.

Destacada pela influência que exerce sobre o marido, dona Mora Guimarães, mulher de Ulysses, responsável inclusive pelo comparecimento do candidato peemedebista ao programa, foi motivo de pergunta. “Ela me ajuda muito mas não manda na minha vida”, tentou esclarecer o presidenciaível. Minutos depois foi a vez do candidato do PT, Luis Inácio Lula da Silva, embarçar-se para explicar porque um candidato da “classe trabalhadora” não sabia o preço do quilo do arroz. “Já fui muito à feira e ao supermercado mas seria uma inverdade dizer isso agora”, alegando que está muito “ocupado” com suas atividades de campanha. Mas emendou: “Eu sei fazer macarrão à carbonara e quando frito ovo até lavo a frigideira”.

Adriana Barsotti/AE



Para os candidatos, perguntas inacreditáveis.

986



Ulysses chegando e ouvindo ofensas